

EDITORIAL

Gisele Girardi

O campo geral de investigações em Cartografia tem vivido um momento de grande riqueza. A disseminação das possibilidades tecnológicas do fazer cartográfico tem permitido uma gama de experimentações, em vários campos de conhecimento. As variadas apropriações do mapa, em vários campos da vida social, têm produzido reflexões salutares para a própria ciência cartográfica, ainda amplamente dominada por paradigmas rígidos.

Pode-se dizer que a atividade cartográfica é, em essência, uma atividade educativa. Educa nosso olhar para o conhecimento do mundo e, em consequência, no modo como nele nos inserimos e agimos. Nesse sentido é que pode ser reconhecida uma grande valorização das atividades cartográficas nos âmbitos escolares, particularmente no universo educacional vinculado à área de conhecimento Geografia. Por outro lado, muitos fazeres cartográficos contemporâneos vem sendo de-

envolvidos por pesquisadores e grupos, não necessariamente no interior da Geografia, que teve por muito tempo a predominância do trabalho com mapas.

Esta é a questão central para a área de Cartografia Escolar na atualidade: como fazer a articulação entre um mundo que constrói mapas e entre mapas que produzem mundos? Ela conduz a um tensionamento de elementos epistemológicos e ontológicos clássicos do mapa, o que vem sendo objeto de debates. Aprofundar estas discussões foi o propósito do VII Colóquio de Cartografia para Crianças e Escolares realizado em Vitória, em outubro de



2011¹, e que teve como tema “Imaginação e inovação: desafios para a Cartografia Escolar”.

A proposição deste tema teve como perspectiva promover a criação, seja no âmbito das estruturas já consolidadas do campo de pesquisa em Cartografia Escolar, no Brasil, seja no encontro com outros percursos imaginativos gestados em outros âmbitos de pesquisa.

Este número especial da revista *Geografares* traz artigos das pesquisadoras e pesquisadores da área que compuseram conferências, debates e mesas-redondas do VII Colóquio de Cartografia para Crianças e Escolares. Estes artigos refletem as dimensões criativas e criadoras da Cartografia Escolar que

o tema do evento buscou instigar.

O artigo de Wenceslao Machado de Oliveira Júnior deriva da conferência de abertura do evento, intitulada “Imaginação e pesquisa: miradas para a Cartografia Escolar” e faz derivar nosso pensamento *sobre* e *com* os mapas. Ao trazer para o centro da análise obras expostas na 8ª Bienal do Mercosul de 2011, que teve como tema “Geopoéticas”, o autor nos convida a rasurar o estabelecido enquanto mapa ou seja, a cartografia convencional, e vai entendê-lo como obra *da* e *na* cultura, valorizando a dimensão expressiva como matéria-prima flexível pra falar do mundo contemporâneo.

Ana Maria Hoepers Preve nos fala de uma Cartografia Intensiva, gestada no espaço intensivo, aquele que se vive sem que haja, necessariamente, deslocamentos extensivos. Fala da produção destas cartografias com internos do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Florianópolis. Sua inquietante pergunta é: que imaginação espacial é esta

¹ O VII Colóquio de Cartografia para Crianças e Escolares foi realizado na Universidade Federal do Espírito Santo pelos Grupos de Pesquisa CNPq “Geografia e Cartografia para Escolares” e “POESI-Política Espacial das Imagens” e pelos laboratórios LCGGEO Laboratório de Cartografia Geográfica e Geotecnologias do e LEAGEO Laboratório de Ensino e Aprendizagem de Geografia, ambos da Ufes. Contou com apoio financeiro da FACITEC (Prefeitura de Vitória), da FAPES (Estado do Espírito Santo), da CAPES e do CNPq e foi apoiado pela SBC – Sociedade Brasileira de Cartografia, pela CONCAR – Comissão Nacional de Cartografia do IBGE, pela Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Vitória, pelo Centro Acadêmico Livre de Geografia da Ufes, pelo Mestrado e pelo Departamento de Geografia do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Ufes e pelo Departamento de Política, Educação e Sociedade do Centro de Educação da Ufes.



que se produz quando corpo e mente estão aprisionados?

Imaginações espaciais são conversíveis também em obras de subsídio a lutas territoriais. A Nova Cartografia Social promove o encontro do intensivo – as percepções espaciais – e do extensivo – o território vivido. Marcos Vinícius da Costa Lima e Solange Maria Gayoso da Costa nos apresentam o processo de como esta proposta de mapeamento social foi construída com crianças e adolescentes ribeirinhas e quilombolas do norte do Brasil e nos permitem captar as potências desta prática para a cartografia escolar.

Se a tecnologia contemporânea é solidária com o aperfeiçoamento e especialização do fazer cartográfico, este mesmo aporte tecnológico, vazado às redes mundiais de comunicação, transforma-se, dissemina-se, recria as possibilidades do mapear. Subvertem e subversam. Juliana de Oliveira Rocha Franco analisa a subversão categorizando obras cartográficas que se caracterizariam como Geopoéticas em Cartografias de Combate, Cartografias dos rastros, Auto-mapeamentos e posições *do self*. Jörn Seemann, por

seu turno, analisa o peso que o termo subversão tem na cultura brasileira e vai buscar no âmbito escolar as possibilidades e as necessárias quebras de resistência à subversão cartográfica.

Fernanda Padovesi Fonseca cria uma estratégia para olhar para a cartografia “por dentro” apontando a problemática da naturalização daquilo que são escolhas – culturais, políticas, técnicas. Projeções cartográficas, fundos de mapa e outros elementos cartográficos são postos sob mira, e a autora aborda as implicações desta naturalização na relação entre a prática cartográfica e a epistemologia geográfica.

O olhar para o espaço ainda não capturado pelas naturalizações é o que Jader Janer Moreira Lopes nos oferece ao apresentar a produção de mapas vivenciais de crianças pequenas, mapas que permitam aflorar as lógicas construídas pelas crianças nos diferentes momentos de seu desenvolvimento. Com base na teoria cultural-histórica, o autor aponta a premência de projetos cartográficos desengessantes, que “permitam criar condições para que a criança histórica possa conduzir a criança eterna”.



Ruth Emília Nogueira apresenta um conjunto de reflexões acerca da inserção das Tecnologias de Informação e Comunicação nas escolas para falar de inclusão digital e educacional. O percurso feito pela autora para chegar à questão da Cartografia Escolar e às TICs e a inclusão educacional, é de passear pela sociedade, entrar na escola, encontrar o professor. Traz para exemplificar este percurso a experiência do portal do LabTATE.

Lígia Maria Brochado de Aguiar analisa a produção de atlas escolares municipais e aponta a potência agenciadora deste tipo de obra na constituição de saberes escolares articulados com a realidade local, mas também, e fundamentalmente, como possibilidade de articulação entre o mundo objetivo e a subjetividade.

Atlas escolares são obras também exploradas por Valéria Cazetta, que busca neles a existência de outras linguagens visuais, especialmente a fotográfica, problematizando em que ponto estas imagens conviventes com a linguagem cartográfica constituem-se em linhas de fuga, possibilitando novas imaginações es-

paciais, e até que ponto elas reafirmam clichês, atuando na reiteração de um regime de visão e de imaginação já postos e hegemônicos.

Valéria Trevizani Burla de Aguiar nos apresenta a trajetória institucional e uma construção curricular que incorporou a cartografia escolar como linguagem central na organização curricular da rede escolar municipal de Juiz de Fora. É um rico exemplo do amadurecimento do campo de pesquisa e um chamado à sua constante renovação.

Estes artigos ora se cruzam, ora se amalgamam, ora se opõem. Visibilizam, enfim, a rica rede de possibilidades de trajetos no âmbito da cartografia escolar brasileira na contemporaneidade, tendo sido esta a meta do VII Colóquio de Cartografia para Crianças e Escolares que este número da revista Geografares oportuniza a disseminação.

Boa leitura!

